

Zita Bolsista do CIESPAL¹

Norma MEIRELES²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Resumo: Este artigo analisa a fase de Zita Andrade de Lima como bolsista do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina, CIESPAL, fazendo conexões entre a comunicação e a educação, voltando o olhar para rádio e o radialismo. É um trabalho eminentemente bibliográfico, mas que ainda se utilizou de entrevista como instrumento complementar de pesquisa. A perspectiva teórico-metodológica é dos estudos foucaultianos, especificamente com as *narrativas de si*. Podemos dizer que, embora outros elementos venham, de certa forma, caracterizar Zita nesta fase, é a relação dela com o rádio que é fortemente marcada na sua experiência formativa no CIESPAL, tanto pelas reflexões sobre a relação entre professor e locutor quanto pela relevância do rádio no contexto do desenvolvimento regional.

Palavras-chave: Zita Andrade de Lima; CIESPAL; educação; rádio; locutor.

Vinheta de Abertura

Maria José Andrade de Lima sabia muito bem contar histórias. E não poderia ser diferente; jornalista e radialista (produtora e locutora), Zita já era colaboradora do Suplemento Infantil do Diário de Pernambuco aos 13 anos, antes mesmo de conhecer Luiz Beltrão, em 1937 (ZITA, 1999, p.15). Ela compartilha a experiência de contar-se em “Jornal de uma bolsista do CIESPAL” (2013)³, enquanto estudante de pós-graduação na Universidade Central do Equador, em Quito, na qual estudou como bolsista do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina⁴, em 1964. Como produto dos seus estudos especializados, Zita também nos apresenta análise acerca

¹ Trabalho apresentado no GP de Rádio e Mídia Sonora do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. É mestra em Educação (UFPB), tem especialização em Jornalismo Cultural pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), é radialista profissional. Professora do Curso de Radialismo do DECOM/CCTA/UFPB. Pesquisadora do GP de Rádio e Mídia Sonora da INTERCOM. Email: norma.meireles@gmail.com

³ Texto escrito em 1964 e publicado em seguida pela Revista Comunicações & Problemas. Aqui, trabalhamos com sua republicação de 2013.

⁴ Esta é a denominação atual do CIESPAL.

da “Situação atual dos meios de comunicação e sua influência no desenvolvimento político, cultural e sócio-econômico das nações”, publicado em 1965.

É com o olhar sobre este dois textos (LIMA, 2013; 1965), em especial, que buscamos descobrir a *Zita Bolsista do CIESPAL*. A produção de Zita nesta fase nos releva desde detalhes do seu cotidiano como pessoa e aluna de pós-graduação extremamente dedicada, observadora e analítica, suas relações de amizades, seu aprendizado, passando pela influência do rádio na relação ensino-aprendizagem, chegando à questões como o papel do jornalista, a relação entre imprensa e desenvolvimento regional, até o destaque do rádio como meio de comunicação e a importância dos radialistas na sociedade.

O CIESPAL, Beltrão e os estudos de Zita

Criado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo⁵ para a América Latina, o CIESPAL foi fundado em 1959 através de convênio com a Universidade Central do Equador, no contexto no qual se acreditava em uma mídia voltada para o desenvolvimento. Entretanto, os profissionais precisavam de formação mais adequada para trabalharem em consonância com os objetivos e metas projetados para esta mídia engajada.

Eleutério (2009, p.1) lembra que “também a Organização das Nações Unidas (ONU) entabulava ações que ofertassem aos países do Terceiro Mundo o ferramental necessário ao seu desenvolvimento econômico e social; passando, necessariamente, pela comunicação.” Desta forma, como pontua Melo (2009, p.15), “a estratégia da Unesco foi montada a partir de duas variáveis: a) modernização tecnológica [...] b) formação de recursos humanos sintonizados com essa estratégia, meta considerada prioritária.” Então, ainda de acordo com Melo (2009, p.15), surgem centros de ensino na França, para atender à demanda da África, nas Filipinas para atuar na Ásia e no Equador, o “Ciespal – sob o comando do jornalista Jorge Fernández, comprometido com a América Latina.”

Considerando o histórico do Centro, que hoje já tem mais de cinquenta anos de funcionamento, para Melo (2009, p.14) não há dúvidas da consensualidade do lugar do CIESPAL como “divisor de águas no estudo científico da comunicação latino-americana.” Nas décadas de 1960 e 1970, o CIESPAL atuou “como centro de estudos avançados em jornalismo, desenvolvendo pesquisas sobre os meios de comunicação e promovendo cursos

⁵ O termo Periodismo foi substituído por Comunicação (ELEUTÉRIO, 2009)

de pós-graduação, num tempo em que não havia programas de mestrado e doutorado na região, em nossa área de conhecimento.” (MELO, 2009, p.16).

De fato, no contexto brasileiro ainda eram poucos os próprios cursos de graduação e Luiz Beltrão foi o pioneiro⁶ na região Nordeste a lutar pela profissionalização. Ele idealizou o primeiro curso de bacharelado em jornalismo da região, em João Pessoa, na Paraíba, como recorda Costa⁷ (2015), em 1958, “por força dessa luta de Beltrão, nós tivemos aqui um primeiro ensaio de curso, que funcionou numa Faculdade de Filosofia, mantida pelas irmãs católicas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes”. Os esforços de Beltrão também estavam focados na capital pernambucana, onde ele residia com a família. Para Silva (2008, p.219), “a implantação do curso de jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco em 1961 é a concretização do projeto de Luiz Beltrão em defesa da profissionalização do jornalista na região Nordeste.” E Zita fez parte da primeira turma de jornalismo da UNICAP, graduou-se em 1963, ano em que Beltrão criou o INCINFOR, Instituto de Ciências da Comunicação.

Zita se destacou durante e depois da graduação dela. Perspicaz e determinada, ela seguiu os conselhos do seu “companheiro de ofícios e de sonhos” enquanto estudante de jornalismo. Beltrão a incentivava a estudar e se destacar não apenas nas disciplinas dele, mas dos outros professores, Zita (1999, p.36) lembra do conselho do professor e esposo: “[...]Você é uma mulher muito inteligente e tem a obrigação de ser brilhante nas disciplinas ministradas por outros professores.” E ela conclui:

Com esse argumento (ou chantagem?) ele conseguia que eu estudasse como uma danada, horas a fio, noites a dentro. Felizmente nunca o decepcionei. Conquistei ao longo do curso, vários prêmios, inclusive um dos mais cobiçados: um estágio no Departamento de Relações Públicas da Esso Brasileira de Petróleo [...] Quando terminei meu Curso na Universidade Católica, Luiz me orientou para que eu continuasse meus estudos no CIESPAL, Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina, na Universidade Central do Equador, para onde fui como bolsista da UNESCO.” (LIMA, 1999, p.36-37)

Com experiência profissional, aos 40 anos, mãe e recém-graduada em jornalismo, Zita Andrade de Lima foi a única mulher brasileira entre os bolsistas do CIESPAL em

⁶ Embora a contribuição de Beltrão seja vasta, nos detemos aqui apenas esta fase específica.

⁷ Arael Menezes da Costa, faz parte da primeira turma de jornalistas graduados da Paraíba em 1961. Foi bolsista do CIESPAL em 1964. É professor aposentado do Departamento de Comunicação da UFPB.

1964. Juntaram-se a ela em Quito, no Equador, o paraibano Arael Menezes da Costa (com 25 anos na época) e o paraense Lênio Carvalho.

Narrativas de si

Sou daquelas pessoas que acreditam no poder da PALAVRA que transforma os destinos do homem, da humanidade, que determina a marcha do mundo.

Zita de Andrade Lima

Ao experimentar a lente dos estudos foucaulteanos podemos analisar o *Jornal de uma bolsista do CIESPAL* no contexto das tecnologias de si, que de acordo com Foucault (1990) fazem parte de conjunto de tecnologias que interagem mutuamente: tecnologias de produção, tecnologias de sistemas de signos, tecnologias de poder e tecnologias de si. Estas últimas possibilitam o trabalho sobre si mesmo, intencionando conseguir um grau de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade.

Rago (2011, p.2) destaca a utilização de “vários conceitos de Foucault, como os de ‘estéticas da existência’, ‘cuidado de si’, ‘escrita de si’ e ‘parresia’” para os estudos “que visam destacar as práticas femininas transformadoras na arte, na literatura, no cinema e na política, no Brasil e na América Latina”, sendo “um novo e instigante campo de pesquisas históricas”. Acrescentamos aqui o contexto da história das mulheres no rádio brasileiro e na área de radialismo, nas quais Zita ocupa lugar de destaque. Fundamentada pelos estudos de Foucault, Rago (2011, p.5), lembra que a *escrita de si* é “uma das atividades constitutivas das ‘estéticas da existência’, [...] experimentada como prática da liberdade e não como sujeição”. Ainda de acordo com Rago (2011, p.5), trata-se, não da busca de uma afirmação de identidade, “mas de uma busca de transformação, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é.”

Assim, podemos dizer que Zita utiliza a *escrita de si* em seu diário/jornal (LIMA, 2013) e exercita sua liberdade de pensamento durante processo formativo, pelo qual ela passa no curso do CIESPAL. Sua narrativa autobiográfica revela as múltiplas facetas, entre elas: a estudante, a amiga, a brasileira, a mulher, a culta, a dançarina, a jornalista e a radialista.

Sobre a pós-graduação, inicialmente Lima (2013, p.102) confessa: “sinto medo do curso. Só da ‘cobras’ no assunto. Eu sou ‘chimbica’, mas se aprender depressa como aprendi espanhol! ‘arriba Zita’.” Mas logo em seguida surge a verve crítica em relação aos professores: “25 de agosto - Estou em plena aula, é o segundo dia. O professor é Juan

Beneito, Diretor da Escola de Jornalismo da universidade de Madrid [...] Fala parado na cadeira, tem um defeito de dicção, pois fala com a língua entre os dentes.” Aqui, como em muitas outras passagens do *Jornal de uma bolsista do CIESPAL*, Zita deixa aflorar a radialista, a locutora, através da análise dos docentes, suas posturas e desempenhos em sala. Ela está sempre comparando o professor com o locutor, o “speaker”. Observa as vozes, com seus timbres, ritmos, tons... E as relaciona ao conteúdo das mensagens e a empatia (ou não) com o público, no caso específico, os bolsistas do curso.

A importância da fala, da voz, para a comunicação social na escrita Zita, enquanto bolsista do CIESPAL faz parte da sua *narrativa de si*. Está muito além daquele espaço tempo do segundo semestre de 1964, o precede e o sucede. Para Zita, “falar é um modo de criação. Compreender é um modo de recriação” (LIMA, 1975, p.44). Argumentando a favor do rádio, ela defende tanto modificações nos cursos de comunicação para o trabalho com a fala, a locução, o som, a sonoplastia quanto a valorização do profissional. Ao publicar o primeiro livro sobre rádio no Brasil, *Princípios e técnicas de radiojornalismo* (1970), no capítulo em que escreve sobre a organização do radiojornalismo, Zita defende a valorização dos locutores⁸ no âmbito do radiojornalismo porque é dele que

Depende o êxito da emissão [...] É que a experiência indicou haver uma identificação entre o locutor e o público: o ouvinte não toma conhecimento de que um programa é fruto do trabalho de uma equipe e descarrega toda a responsabilidade da mensagem sobre o locutor, ou seja, sobre a voz familiar que se costuma ouvir (LIMA, 1970, p.69-70)

No que se refere à metodologia do curso do CIESPAL, Costa (2015) ressalta que a metodologia da época era diferente, os docentes eram “quase que como conferencistas [...] havia mais conversa fora do que institucionalmente. As aulas, as conferências, transcorriam praticamente sem intervenção embora houvesse todo aparato tecnológico da época à nossa disposição com tradução simultânea.” Entre os três bolsistas brasileiros do CIESPAL de 1964, cabia à Zita a encargo de manifestação em sala de aula: “todas as vezes que o Brasil deve intervir nos seminários, Arael e Lênio me indicam e aprovam tudo o que eu escrevo e falo, isto me deixa encantada e orgulhosa, a despeito da grande responsabilidade que sinto pesar sobre mim” (LIMA, 2013, p.104). Outro registro reforça o apoio que ela recebia dos colegas: “fiz uma intervenção em nome do Brasil. Tem uma mexicana, Lucila Flamand, que

⁸ Categoria profissional: radialista. Profissão regulamentada apenas em 1978.

entrou forte contra mim [...] Nicarágua, Venezuela, Peru, Colômbia e os dois brasileiros falaram me apoiando (LIMA, 2013, p.106). Para Costa (2015):

Zita era uma pessoa maravilhosa. Ela de certa maneira causava...Não digo espanto, mas ela causava uma impressão diferente porque ela era de uma geração em que a mulher ainda não tinha a presença que tem hoje. E Zita, então, se sobressaiu. Veja que ela tinha luz própria a despeito de Luiz ser um astro brilhante, Zita tinha luz própria. Mas ela soube conciliar muito bem as três coisas que a sociedade exige da mulher, e ainda hoje, numa situação como aquela: ela era mãe de família, ela era intelectual e ela era pessoa da sociedade, e tinha sua posição efetiva em qualquer um desses três segmentos.

O depoimento de Costa vai ao encontro da narrativa de Zita, que ao contar sua experiência como bolsista não se restringe apenas a questões estritamente acadêmicas, mas sua visão é ampliada e abrange as interrelações pessoais com os colegas e professores, seu cotidiano em Quito, o explorar da cultura da cidade e do país, a produção e envio de matérias para periódicos brasileiros. Do ponto de vista da educação, não apenas ao currículo formal, mas a um currículo oculto⁹. Por outro lado, no que se refere às teorias do jornalismo (TRAQUINA, 2000; TRAVANCAS, 1993), trata-se também de estar sempre vigilante e de ter visão diferenciada do mundo, dada a própria formação e função social da profissão.

Zita observa a si, ao mundo e é a protagonista na “aventura de conta-se” enquanto bolsista do CIESPAL, escrevendo sua história, interpretando o mundo e produzindo sentidos:

23 de agosto [...] Passei ontem à tarde com o sr. Recaldi: fui à metade do mundo, que está localizada à na cidade de Santo Antônio de Pomasqui, a 24 quilômetros de Quito [...] Há um monumento, um obelisco, rodeado por montanhas estereis das cordilheiras Oriental e Central dos Andes, que me deram uma sensação de esmagamento e desolação [...] Visitei também o Museu de la Linea Equinocial, onde o sol, que era Deus, virou peça de museu [...] à noite fui à casa da cultura e assisti a umas dansas de algumas tribus indígenas que vestiam trajes riquíssimos. Perguntei se eram ricos e responderam que eram pobres mas economizavam durante todo ano para aquela ocasião. Cheguei à conclusão que eles fazem o mesmo que homens e mulheres dos nossos morros e alagados: economizam

⁹ Na perspectiva histórico-crítica da educação, Saviani (2011, p.17) define currículo como o “uma escola funcionando, quer dizer, uma escola desempenhando a função que lhe é própria.” Vários autores fazem a divisão entre currículo formal e currículo oculto. A definição de Saviani (2011, p.17) é no sentido de “recuperar o conceito abrangente de currículo”. Giroux (1986, p.86), o currículo oculto precisa ser redefinido, envolvendo “noção de libertação, fundamentada nos valores de dignidade pessoal e justiça social [...] “assim, a essência do currículo oculto seria estabelecida no desenvolvimento de uma teoria da escolarização preocupada *tanto* com a reprodução *quanto* com a transformação.”

durante todo o ano para gastar tudo no carnaval. [...] Já estou falando espanhol, e o que é mais importante: com um delicioso ‘acento brasileiro’... é o que dizem todos. (LIMA, 2013, p. 101-102)

Assim, a incursão de Zita à Santo Antônio de Pomasqui, no seu terceiro dia no Equador, a instiga escrever a reportagem “No Equador, o sol que era Deus, virou peça de museu”; enviada para o Brasil dia 13 de setembro de 1964 e publicada em 2 de outubro do mesmo ano pelo jornal Diário de Pernambuco, de Recife. Durante o curso do CIESPAL, Zita enviou, ao todo, três reportagens para o periódico recifense. Sobre a última (que foi publicada em 15 de dezembro com o título “Índios colorados adotam experiência pré-nupcial e são francamente pelo monoquini”), ela escreve em 15 de outubro, durante o processo criativo: “estive domingo passado em uma aldeia de índios –Los colorados. Tirei várias fotografias que penso saíram ótimas. Pretendo escrever uma reportagem, pois o assunto me parece fascinante.” (LIMA, 2013, p.117-118).

Esta Zita “gringa” em terras equatorianas, ao mesmo tempo em que volta seu olhar para o que está ao seu redor, em busca de pautas, também registra a falta de diplomacia e de assistência da embaixada do Brasil em Quito. Vale lembrar que era o ano do golpe militar no Brasil, 1964: Em suas anotações de 26 de agosto, Lima (2013, p.103-104) escreve “na inauguração dos cursos, soleníssima compareceram vários embaixadores. O do Brasil não compareceu nem mandou representante”. E desabafa: “Aliás a embaixada do Brasil no Equador sempre esteve ausente, e nunca tinha nada do que solicitávamos. Nem bandeirinhas de papel...”

O pulsar da brasilidade apresenta-se na *escrita de si* de Zita neste e em outros momentos, revelando além do aspecto político, o cultural e o social: “na festa da União dos Periodista, tocaram o samba e foi uma maravilha [...] Ariel foi meu partner. Quando acabei de dançar diziam que eu não era Maria José; era a própria Sagrada Família...” (LIMA, 2013, p.106). Zita descreve-se como “a brasileira, orgulhosa por ser de uma (sic) país admirado e respeitado, estabeleceu ótima camaradagem com quase todos os bolsistas e vive a responder perguntas sobre as possibilidades, a grandeza e a beleza do Brasil.” (LIMA, 2013, p.118).

Vale ressaltar que entre um grupo de cerca de 50 bolsistas¹⁰, Zita é uma das 6 mulheres¹¹ presentes na pós-graduação do CIESPAL de 1964. Sem dúvida a narrativa de

¹⁰ Há duas referências de Zita ao número total de cursista CIESPAL daquele ano, provenientes de 19 países, na primeira ela fala em “43 jornalistas” (LIMA, 2013, p.106) e na segunda, “50 becários” (LIMA, 2013, p.115).

Zita aponta para a questão de gênero no contexto de uma sociedade na qual há “divisão sexual do trabalho” com esferas do trabalho reprodutivo e do trabalho produtivo (KERGOAT, 2003; ÁVILA, 2013), uma vez que a própria autodefinição da “Zita brasileira” se dá no contexto no qual ela expõe as relações afetivas e acadêmicas estabelecidas com as demais mulheres do grupo e com os outros.

A cada pequena descoberta, Zita faz conexões com o seu lugar de origem, bem como com a educação:

Fui convidada pelos chilenos a ir a um café ‘O 77’, café dos intelectuais. Dario Canut pronunciou uma palestra muitíssimo interessante, sôbre Pablo Neruda, ilustrando cada afirmativa com uma declamação de poemas daquele autor. Foi lindo! Tomei cerveja e fumei cachimbo [...] É uma lástima que no Recife não tenhamos um café como êste em que fui com os chilenos. Nada de cachaças exageradas, convidados e extras bem comportados, gostando realmente de aprender algo a respeito de alguém. (LIMA, 2013, p.116-117).

Desta forma, entendemos, que, para Zita, o aprendizado na pós-graduação do CIESPAL poderia estar dentro e fora da sala de aula, condizente, inclusive, com a proposta de educação pelos meios. Embora a informalidade da vestimenta (que comunica) do sociólogo e professor francês Jofre Dumazedier¹², na época, tenha causado alvoroço. Lima (2013, p.114) relata:

29 de setembro [...] O professor Jofre Dumazedier chegou hoje. Completamente louco. Veio dar aula em traje esporte, camisa desabotoada. Dumazedier é o cão. Aqui em CIESPAL a palavra de ordem é: formalismo. [...] Quando o francês entrou em plenário todos se assustaram e olharam uns para os outros. Depois automaticamente como obedecendo a uma ordem interior, todos olhamos para o diretor Jorge Fernández, o mais formal. E rimos então do ar surpreso e escandalizado do nosso querido diretor. Mas a verdade é que todos ficamos presos da primeira à última palavra da classe de Jofre Dumazedier.

Mais uma vez Zita destaca a empatia professor/aluno pela comunicação verbal, pela fala. Ainda sobre Dumazedier, Lima (2013, p.115) acrescenta: “todos os 50 becários ficam

¹¹ Além de Zita, participam a argentina Terezita Toledo, a mexicana Lucila Flamand, a venezuelana Edith de Bigot; a chilena Angeles Fuentes e a guatemalteca Luz Izabel Sanches.

¹² Sociólogo francês. Foi Diretor de Investigação do Centro de Estudos Sociológicos do Centro Nacional de investigação Científica da França, presidente do Grupo de Sociologia e Cultura Popular da Associação Internacional de Sociologia e da Associação Povo e Cultura. Pioneiro dos estudos de lazer e de formação.

presos à classe como ñinos ouvindo contos de fada...”. Essa relação professor/locutor está presente o tempo inteiro na narrativa de Zita no *Jornal de uma bolsista do CIESPAL*, como se o rádio o seus modos de produção fossem sua lente crítica para os mundo da comunicação e da educação.

Comunicação e desenvolvimento: o destaque do rádio

Após sua formação no Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina, Zita participa do IV Seminário Regional sobre Ensino de Jornalismo e Meios de Informação Coletiva, evento que acontece no Rio de Janeiro, entre 12 e 16 de junho de 1965, com o patrocínio do CIESPAL. As reflexões de Zita sobre os meios de comunicação no contexto das metas estabelecidas pela Unesco naquele período a levam a fazer recomendações as Escolas de Jornalismo, ao próprio CIESPAL e aos “meios de informação”.

Como esclarece Melo (2009, p.15), a questão da comunicação e desenvolvimento está na pauta da Unesco desde a sua fundação, em 1947, quando a entidade “já vinha potencializando o uso dos meios de comunicação em programas de desenvolvimento econômico.” Ainda de acordo com Melo (2009, p.15):

O diagnóstico feito na década de 1950 – publicado no volume *La formation des Journalistes* (1958) – indicava que os países em vias desenvolvimento deveriam ser estimulados a acelerar os processos de mudança social, educando a população por meio da mídia.

Em meados da década de 1960, o desafio das escolas de comunicação quanto à formação do jornalista, como lembra Melo (2009, p.17), era o “fortalecimento das ‘nacionalidades latino-americanas’”, com a formação de agentes que pudessem intervir na sociedades pela comunicação. O jornalismo é tratado como forma de conhecimento, como cultura.

Assim, no contexto em que a Unesco chamava atenção para a escassez dos veículos de comunicação, Lima (1965, p.3) argumenta: “ousamos dizer de maneira clara, objetiva, direta, que a UNESCO precisa olhar com olhos mais abertos as regiões onde os meios de comunicação além de escassos, são utilizados de uma maneira que dificilmente atingirão os objetivos visados.”

Lima (1965, p.3) observa a questão da “influência decisiva no desenvolvimento político, cultural, sócio-econômico dos povos” exercida pelos meios em todo planeta, bem como à importância da construção da notícia, da informação, na relação comunicativa com leitores e ouvintes. Para Lima (1965, p.4), “uma maior participação dos meios de divulgação contribuirá p/ assegurar melhores padrões de vida, criando um conjunto de condições sociais que permita ao homem desenvolver sua personalidade”, acreditando na possibilidade de mudança: “o homem conhecerá outro homem e compreenderá suas possibilidades e limitações.” Neste contexto, Lima (1965, p.5) considera que “as comunicações devem ter o volume aumentado e as mensagens devem ser mais cuidadosas e inteligentes.”

Zita ressalta que em países de dimensões continentais como o Brasil, a responsabilidade atribuída “aos líderes da opinião, aos líderes do pensamento” é proporcional tanto às estatísticas populacionais quanto ao número de veículos por região. E o papel da formação acadêmica do profissional da comunicação é fundamental: “uma das funções do jornalista é prescrutar (sic) o futuro, sugerir soluções com embasamento em uma cultura adquirida nas universidades.” (LIMA, 1965, p.6).

Descrevendo um panorama brasileiro dos meios de comunicação e contextualizando a questão da circulação da informação em nível nacional, Lima (1965, p.9) evidencia o lugar de destaque do rádio, “considerado *artigo de primeira necessidade*, em qualquer nível social e em qualquer ambiente, e com a proliferação das estações transmissoras” (grifo nosso). Como pernambucana e conhecedora da realidade da regional, Zita volta sua atenção para a questão da comunicação e desenvolvimento no Nordeste, evocando a responsabilidade social da imprensa e a colaboração dos meios de comunicação com os “dirigentes de opinião”, tendo como base outras experiências bem sucedidas executadas pela Unesco. Lima, (1965, p.10-12), enfatiza a importância do rádio:

A imprensa, com as possibilidades e recursos de que dispõe poderia fazer muito mais para diminuir as dores do crescimento que o Nordeste está sentindo [...] É preciso não esquecer a dinâmica entre os dirigentes de opinião e o público. Estudos realizados no Nordeste, revelam que dirigentes de opinião podem exercer uma influência maior do que os meios de comunicação coletiva. Na região nordestina, o meio de comunicação mais eficiente é o rádio [...] Somente o rádio poderá mudar o aspecto feudal encontrado em alguns modelos culturais do Nordeste.

Vislumbrando a possibilidade de desenvolvimento nacional e regional (seja no Nordeste ou em outras regiões) através da comunicação, especialmente do rádio, Lima (1965, p.13-14) apresenta as três recomendações durante o IV Seminário Regional sobre Ensino de Jornalismo e Meios de Informação Coletiva: primeiro - que as Escolas de Jornalismo e os sindicatos se associem no trabalho coletivo em prol da sociedade; segundo - que o CIESPAL e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) “desenvolvam gestões junto aos Governos Federal e Estadual e às agências de notícias do país”, com o objetivo de descentralizar os polos de informação, valorizando a regionalização, “com o objetivo de estabelecer o equilíbrio social”; terceiro – “recomendar aos meios de informação o estabelecimentos de uma cadeia de rádio regional, com programas difundindo os valores locais”, levando à promoção do “desenvolvimento cultural necessário ao desenvolvimento social, econômico e pessoal, quaisquer que sejam os critérios de bem estar social.”

Na história do rádio, que pode ser entendida por fases (FERRARETTO, 2001), o meio vem se reestruturando à medida que os desafios surgem, ou se “radiomorfoseando”, como diz Prata (2012) no atual contexto das webrádios. E, certamente, percebemos permanências, ausências e movimentos de idas e vindas nestes processos de reconfiguração. Ousamos dizer que a luta pela utilização do rádio em prol do desenvolvimento humano e social, em maior ou menor grau, tem sido uma constante ao longo desta décadas. No Brasil, Zita tem um papel importante na defesa do rádio como instrumento de educação e desenvolvimento.

Reflexões sobre Zita bolsista

Para nós, a Zita bolsista do CIESPAL é, antes de tudo, uma mulher do rádio! Preza pela palavra, pela voz e pelo conteúdo. Esta Zita essencialmente do rádio carrega consigo diversos outros aspectos que emergem na sua *escrita de si*. Sua narrativa em *Jornal de uma bolsista do CIESPAL* possibilita o olhar sobre a Zita situada em um contexto geográfico, histórico, social e político ao mesmo tempo em que é um exercício construtivo de si, que possibilita uma descoberta do seu próprio aprendizado, ultrapassando os limites do simples relato dos fatos.

Podemos dizer que Zita se (re)constrói no percurso do curso em Quito, em 1964, a partir das vivências dentro fora da sala de aula, conectada com todas as suas experiências prévias e suas expectativas. Suas conexões entre a sala de aula e o rádio, entre o professor e

o locutor, algo marcante na *narrativa de si* de Zita, além de demarcar a importância da palavra falada para ela e da importância do locutor/radialista para a sociedade, possibilitam o estabelecimento de diálogos entre os campos da comunicação e da educação.

O rádio também é o destaque entre os meios de comunicação para Zita quanto à questão da comunicação e desenvolvimento, devido à potencialidade do rádio para mudança sociais, a partir da atuação dos formadores de opinião e de programas educativos, por exemplo. Nos dias atuais, mesmo que o rádio tenha passado por transformações, inclusive com o advento da internet, essa possibilidade de se trabalhar o desenvolvimento humano, social, econômico através do rádio é muito forte e tanto comunicação comunitária tanto educativa estão ganhando novos ares com as webrádios.

Para finalizar, ressaltamos que Zita estava à frente do seu tempo e a partir dos seus estudos em Quito, como bolsista do CIESPAL, ela pode ir muito mais além. O rádio foi o destaque nesta e em outras fases da vida pessoal e acadêmica de Maria José Andrade de Lima.

REFERÊNCIAS:

ÁVILA, Maria Betânia de Melo. A dinâmica do trabalho produtivo e reprodutivo: uma contradição viva no cotidiano das mulheres. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (Orgs.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Edições Sesc SP, 2013.

COSTA, Arael Menezes da. **Arael Menezes da Costa**: depoimento [abr. 2015]. Entrevistadora: Norma Meireles. João Pessoa: Meireles, 2015. 1 arquivo sonoro em mp3. Entrevista concedida para a produção do texto Zita bolsista do CIESPAL.

ELEUTÉRIO, Neyde. Ciespal, 50 anos: dom maior em comunicação. **ANAIS**. Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. CELACOM, 2009. São Paulo: Metodista, 2009. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Neyde_Ciespal.pdf. Acesso em: 26 abr. 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**. O veículo, a história, a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo**. Y otros textos afines. Barcelona: Paidós, 1990.

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**: para além das teorias de reprodução. Petrópolis: Vozes, 1986.

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: TEIXEIRA, Marilane, at al., (orgs). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

LIMA, Maria José de Andrade. **Situação atual dos meios de comunicação e sua influência no desenvolvimento político, cultural e sócio-econômico das nações**. Rio de Janeiro: CIESPAL/UNESCO, 1965.

LIMA, Zita de Andrade. **Princípios e técnicas de radiojornalismo**. Brasília: INFORCOM, 1970.

LIMA, Zita de Andrade. A palavra falada. **Revista de Cultura Vozes**. Comunicação Social no Brasil, 1975. p.41-53.

LIMA, Zita de Andrade. **Luiz, companheiro de ofícios e de sonhos**. Brasília: Thesaurus, 1999.

LIMA, Zita de Andrade. Depoimentos II. Jornal de uma bolsista do CIESPAL. In: MORAIS, Osvando J. de (org). **Comunicação & problemas**. Luiz Beltrão. Parte I. São Paulo: Intercom, 2013, p.100-119. (Coleção beltranianas, v.4).

MELO, José Marques de. Ciências da Comunicação na América Latina: o papel histórico do CIESPAL (1959-2009). **Revista latinoamericana de ciencias de la comunicacion**. a.VII, n.11, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/94/92>. Acesso em: 26 abr. 2015.

PRATA, Nair. Webradio. **Novos gêneros, novas formas de interação**. 2 Ed. Florianópolis: Insular, 2012.

TRAQUINA, Nelson. Teoria das notícias: o estudo do jornalismo no século XX. In: **o estudo do jornalismo no século XX**. Porto Alegre: Unisinos, 2000, p.51-126.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Presença e vigência do legado beltraniano na Paraíba. In: MELO, Luiz Marques de; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira (orgs.). **Luiz Beltrão**. Pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária UFPB/ INTERCOM, 2008. p.171-176.

RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: Foucault e a escrita se si de Ivone Gebara. In: SOUZA, Luiz Antônio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Boris Ribeiro de (orgs). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília: Oficina Universitária / São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 11. Ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, Luiz Custódio da. As contribuições de Luiz Beltrão para o ensino e a prática do jornalismo. In: MELO, Luiz Marques de; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira (orgs.). **Luiz Beltrão**. Pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária UFPB/ INTERCOM, 2008. p.217-227.